

APOCAPITALOCENO

Uma livre associação de temas pertinentes ao futuro da paisagem urbana

APOCAPITALOCENE
*A free association of themes relevant
to the future of urban landscape*

Ícaro R. Seleme¹

Resumo

Investiga-se o significado de paisagem, dada sua aplicação em campos do conhecimento variados como a geografia, as artes e a sociologia. Discute-se a passagem do tempo nas escalas da historiografia arquitetônica e das Eras geológicas, de modo a fundamentar uma teoria da urbanização mundial. Conceitua-se o Antropoceno, apresentando leituras do que seria o pós-Antropoceno. Compara-se a expansão do universo com a “revolução urbana” de Lefebvre, definindo urbanidade como um modo de ser. Elencam-se postulados científicos e filosóficos acerca da presença humana sobre a Terra, cujas marcas são permanentes na memória física de corpos humanos e celestes.

Palavras-chave: paisagem, apocalipse, capitalismo, Antropoceno, urbanização.

Abstract

The meaning of landscape is investigated, given its application in various fields of knowledge such as geography, the arts and sociology. The passage of time is discussed on the scales of architectural historiography and geological eras, in order to support a theory of world urbanization. The Anthropocene is conceptualized, presenting readings of what the post-Anthropocene would be. The expansion of the universe is compared with Lefebvre's "urban revolution", defining urbanity as a way of being. Scientific and philosophical postulates about the human presence on Earth are listed, whose marks are permanent in the physical memory of human and celestial bodies.

Keywords: landscape, apocalypse, capitalism, Anthropocene, urbanization.

Introdução

Apocapitaloceno é um neologismo derivado de três substantivos: apocalipse, capitalismo e Antropoceno. Associação livre é um método de composição do discurso, um processo criativo heterodoxo de escrita acadêmica, haja vista que a premissa dos objetivos, resultados e temas da pesquisa é subjetiva. Oriunda da psicologia, a livre associação permite o resgate de elementos significantes do subconsciente por meio do reconhecimento de padrões linguísticos. Outro conceito explorado no texto é o da regressão, que se trata de uma técnica psicanalítica por meio da qual o sujeito é remetido a memórias e sensações primitivas. Utiliza-se a dicotomia do progresso como símbolo do desenvolvimento humano, tecnológico ou civilizatório, em oposição ao regresso à infância. Refere-se ainda a uma etapa do movimento Moderno da arquitetura pós-funcionalista da segunda metade do século XX, na qual supunha-se que, com o advento de processos de produção amparados na tecnologia, as máquinas substituiriam o trabalho humano braçal, de modo a oferecer tempo livre para o jogo e lazer. Portanto, a regressão é metáfora para a figura do homem do futuro, lúdico, que se assemelha a uma criança, em oposição ao trabalhador fabril da Era industrial.

Segundo Paulo Reyes, “o projeto é um complexo processo de antecipação do futuro” (2012: 92). Da mesma forma, a previsão, o planejamento, a especulação e as hipóteses são diretamente relacionadas às atividades de desenho urbano. Não obstante, a periodização da história abrangida pelo Antropoceno, seja ele uma época posterior ao Holoceno ou uma subdivisão deste, merece um distanciamento focal do objeto de estudo, motivo pelo qual se recorre à historiografia de longa duração. Não há consenso quanto ao momento ou acontecimento específico que tenha marcado a sua inauguração, seja o fim da Era glacial, a Revolução industrial, o domínio sobre o fogo, a perpetuação de assentamentos humanos ou as Grandes navegações.

Seria simplista atribuir a causa da crise mundial, por mais abrangente que o termo seja, ao capitalismo. Sua própria definição origina-se de um contexto histórico diferente (século XIX). Tampouco a criação de uma nação socialista ou comunista, dentre as concepções de uma tradição utópica progressista, são retratos fiéis de uma alternativa político-econômica ecologicamente viável. No que diz respeito às paisagens do pós-Antropoceno, é fato que uma das maiores tragédias ambientais do mundo ocorreu não em um país capitalista, mas na antiga União Soviética. Trata-se do desaparecimento do mar de Aral, na fronteira do Cazaquistão com Uzbequistão, onde hoje se avistam carcaças de embarcações aquáticas em pleno deserto (paisagens desérticas são recorrentes em obras de ficção que retratam o planeta em uma situação pós-apocalíptica). No entanto, o consumo de combustíveis fósseis e a produção de resíduos não recicláveis são características de uma atividade industrial baseada na lógica do acúmulo e concentração de capital. Outra associação livre do Antropoceno é suscitada com o Antropocentrismo, a personificação da Terra como centro do universo (geocentrismo), em oposição ao modelo cósmico vigente que define a ordem heliocêntrica do sistema solar.

Paisagem

Segundo Milton Santos, “tudo aquilo que nossa visão alcança é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca” (1988, p. 61). Atrelada às dinâmicas da globalização, a paisagem é entendida por Santos como reflexo do capitalismo ou sociedade tecnológico(a).

Ao invés da convencional dicotomia entre rural e urbano, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística publicou uma Proposta Metodológica para Classificação dos

¹ Arquiteto e urbanista do Centro de Planejamento Oscar Niemeyer/ Secretaria de Infraestrutura da Universidade de Brasília. Graduado pela Universidade Federal de Santa Catarina; especializado em Geografia, Cidade e Arquitetura pela Escola da Cidade.



Espaços do Rural, do Urbano e da Natureza no Brasil (IBGE, 2023), o que permite visualizar nuances da ação antrópica no país. Em arquitetura, paisagismo designa um ramo da profissão orientado para a composição de ambientes ornamentados pela seleção e disposição de espécies vegetais. Uma referência desse campo é Roberto Burle-Marx, com suas praças, bosques e jardins executados em cidades como Rio de Janeiro e Brasília. Uma conexão inusitada relacionada a *Marx* é suscitada na frase de Chico Mendes: “ecologia sem luta de classes é jardinagem”. Nas artes plásticas, o conceito de paisagem relaciona-se ao de natureza morta, definida pelo protagonismo do que é retratado em um quadro não serem as pessoas, mas o plano de fundo. Na tradição da pintura de paisagem, um quadro pode ser abstrato ou figurativo, a depender da correspondência de cores, formas e proporções da representação com o que é representado na realidade. Com a evolução da técnica, o surgimento da fotografia, cinema e televisão atribuíram à imagem movimento, trilha e enredo. Na literatura, a descrição física do espaço configura uma característica rica, de cujo gênero se destaca a ficção científica, com suas utopias e distopias que especulam sobre a forma do mundo em um futuro distante. Nas ciências sociais, o significado de paisagem converge com o de território político, como palco de debates por reconhecimento e poder (Rancière, 2009).

Tempo

A noção de tempo permite a percepção de mudanças no céu, com o passar das nuvens e dos astros, e na Terra, pela morfologia da matéria orgânica, o ciclo das estações, as fases de uma vida: infância e maturidade. Na música, o tempo é a matéria-prima da alternância entre os intervalos de silêncio e pulsos sonoros, cuja dinâmica produz ritmo e harmonia. Assim como na geometria cartesiana, em que o espaço é constituído por dimensões nas quais se dispõem pontos, linhas e planos capazes de descrever todas as formas imagináveis, o tempo da música possui três propriedades: frequência, duração e intensidade. O primeiro corresponde à gravidade, altura ou agudeza das notas, o segundo contrapõe os sentidos de permanência e efemeridade, o terceiro constitui o volume das ondas sonoras.

Em *O Interior da História: Historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos* (2013), Marina Waisman classifica, mencionando Fernand Braudel, as durações históricas em três categorias. A primeira consiste em fatos pontuais, acontecimentos como uma batalha, comparados à duração de obras arquitetônicas e projetos urbanos. A segunda é constituída por fenômenos de média duração, por exemplo a formação de um sistema de governo ou uma classe social, os quais correspondem na arquitetura a períodos de 10 a 50 anos, à produção de um autor ou o desenvolvimento de estilos. Por fim, os fenômenos de longa duração são aqueles de permanência secular, por exemplo a conformação de uma nação, história urbana, idiomas e tipologias arquitetônicas. Contudo, o tempo do Antropoceno vai além da referida periodização. Ao englobar a produção cultural de todas as épocas, estabelece-se como uma divisão das Eras na escala do tempo geológico: Pré-cambriana, Paleozoica, Mesozoica e Cenozoica.

De acordo com Waisman, “teoria é um sistema de pensamento por meio do qual se organiza um conjunto de proposições lógicas”, cujo método “será a abstração de conceitos a partir da análise de objetos reais” (2013, p.30). A autora define a relação entre teoria, história e crítica, descrevendo três modos: 1. O normativo, que estabelece regras para o desenvolvimento de atividades como o planejamento; 2. O poético, responsável pela atribuição de critérios de valoração para grupos particulares; 3. O filosófico, “de uma concepção generalizadora de princípios universalmente válidos” (p. 31). Dados os caminhos do progresso civilizatório e o papel da crítica tectônica para o desenho dos objetos que estão por vir, propõe-se uma reflexão acerca das configurações de uma paisagem desejável para as futuras gerações.

Urbanidade

Na primeira edição do volume 89 da revista *Architectural Design*, cujo tema foi Paisagens Máquina: Arquiteturas do pós-Antropoceno (2019), autores como Benjamin Bratton, Jenny Odell e Liam Young retratam as cidades sob a ótica da automação, especulativa e catastróficamente. Como ponto de partida para a exploração do tema proposto, constata-se uma preocupação referente ao afastamento da sociedade com a natureza, provocado pelo aperfeiçoamento tecnológico:

O mundo sem humanos não resulta de um evento apocalíptico que nos aniquilou, mas de um progresso gradual, cujas origens remontam à Revolução Industrial (Young, p.13).

Se o antropoceno provar ser mais um instante geopolítico fugaz do que uma lenta era geológica [...], então o quer que venha “a seguir” será formado não pelo mesmo antropos, mas por algo literalmente pós-, des-, não-‘humano’, para melhor ou pior. As cidades também (Bratton, p.16).

A vista desde um satélite não é humana, tampouco uma à qual fomos realmente destinados ver. Mas é precisamente desse ponto de vista não-humano que podemos ler a nossa própria humanidade, em todas as suas pequenas e repetitivas marcas sobre a face da terra (Odell, p.35).

O que farão arquitetos, engenheiros e urbanistas quando não houver mais trabalho em construção, uma vez que terá passado o momento de intervir na superfície da Terra, a não ser contemplar o reflorestamento espontâneo e observar o movimento das placas tectônicas como navios no horizonte? Quanto tempo levará para que se decomponham os produtos manufaturados, retornando à sua condição de matéria orgânica?



Considerando que o “pós” terá início a partir do momento em que não interferirmos além das dinâmicas ambientais, haja vista o crescimento da população urbana, logo só teremos visão da referida paisagem quando o atual estágio de desenvolvimento dos Estados e instituições que gerenciam os meios de produção e troca de bens de consumo tiverem evoluído, por meio de metamorfoses genéticas ou culturais, tornando-se outra espécie de sistema. De um lado otimista, na linha traçada pelos situacionistas em suas derivas psicogeográficas, assim como nos projetos do arquiteto Cedric Price e do artista Constant Nieuwenhuis de cidades como estruturas itinerantes, apoiadas no pensamento de Johan Huizinga sobre o progresso ter a potencialidade de libertar as pessoas e dar-lhes mais tempo para jogar, o que se traduz na expressão do *homo ludens* em oposição ao *homo faber*. Ou de modo mais sombrio, como no filme Crimes do Futuro (2022) de David Cronenberg, em que o metabolismo humano(ide) passa a digerir e nutrir-se de alimentos plásticos derivados do petróleo, por meio de órgãos adaptados a uma condição de poluição extrema.

Do ponto de vista pedagógico, espera-se que as escolas orientem e preparem seus alunos para uma transição para o período pós-Antropoceno, contra a força inerte de uma tradição de conquista e colonização da hinterlândia, a qual se inaugura com o ato primordial de controle do fogo pelos hominídeos primitivos. É preocupante vivermos em uma sociedade profundamente desigual, com tantas pessoas sem casa, sem que haja participação efetiva da sociedade organizada na elaboração de planos e políticas públicas de moradia destinada à população em situação de rua. Entretanto, almeja-se uma qualidade de vida que depende da continuidade dos modos de produção insustentáveis.

O impacto do progresso civilizatório está relacionado com a necessidade de abrigar e alimentar os habitantes do planeta, fazendo com que objetos e alimentos cheguem a suas casas através de infra e megaestruturas. Por outro lado, a situação ecológica demanda que se conservem a madeira, o petróleo e minérios, consciência pela qual a profissão de construir encontra-se em estado contraditório. Não por acaso, o editor convidado para o volume citado sobre pós-Antropoceno – Liam Young – destaca-se não por obras de material concreto, mas pela criação de cenografias cinematográficas como a *Planet City*: uma cidade compacta para 10 bilhões de habitantes, enquanto o restante do planeta é libertado para ser restaurado pela natureza. As investigações de Young voltam-se para grandes corporações cibernéticas e a estética da casa como máquina de morar futurista.

Revelação

A combinação das palavras apocalipse e capitalismo, no contexto pós-Antropoceno, resulta na oportuna denominação de apocaloceno, em referência ao texto bíblico no qual se descrevem, poeticamente, a batalha cósmica derradeira e a cidade de Nova Jerusalém, que personifica a esposa de Deus. Na cosmologia, o fim do mundo ocorrerá daqui a 5 bilhões de anos, quando o sol tiver exaurido a sua vida sequencial pela fusão de hidrogênio em gás hélio, tornando-se uma estrela vermelha gigante. Nesta fase, ele poderá engolir a Terra antes de regredir ao status estelar de anã branca, ou senão posteriormente o planeta sairá de órbita, à deriva pelo universo como um astronauta que se desprende da sua nave, ou como um navio sem leme. A relação entre astronomia e religião traduz-se ainda no fato de a teoria do *Big Bang* ter sido criada por um padre jesuíta – Georges Lemaitre – em 1920.

As ideias do universo em expansão e de um espaço aberto e infinito podem ser comparadas à urbanização em escala planetária, denominada “revolução urbana” por Henri Lefebvre (2019), enquanto o centro das galáxias serem buracos negros massivos e o universo não possuir eixo refletem-se na indeterminação das centralidades metropolitanas. Uma consequência dessa concepção é estabelecida na formulação da memória elástica do universo, segundo a qual após o período de inflação virá o de contração, assim como nos movimentos cardíacos de sístole e diástole, no enchimento e esvaziamento dos pulmões e das marés, culminando na colisão de toda matéria intergaláctica: o *Big Crunch*. Análogo à *Planet City* de Young, onde toda a urbanização reúne-se em uma entidade monolítica.

Em relação à urbanização mundial, universalização da cidade e sociologia marxista, André Corboz esclarece que “a área urbanizada é menos aquela em que os edifícios se sucedem em uma ordem rígida do que aquela cujos habitantes adquiriram uma mentalidade de cidade” (2001, p.202-229). Em outras palavras, o urbano seria um modo de pensar.

Memória

Os Mil Nomes de Gaia: Do Antropoceno à Idade da Terra (2022) é um livro que reúne artigos de autores como Déborah Danowski e Bronislaw Szerszynski. Abordam-se assuntos relativos ao impacto das mudanças climáticas na psique humana. Em Transformações Perceptivas e Afetivas na Idade da Terra, Danowski retrata cenários dominados pela incerteza, onde as emoções de tristeza e felicidade são potencialidades do medo e da esperança, respectivamente. Esta, definida como “qualquer pequena inclinação da alma em direção àquilo que amplia nossa existência, e portanto em direção à alegria” (2022, p.71).

Visto de longe, porém, podemos dizer que a esperança é um dos afetos emblemáticos da modernidade, fundada, entre outras coisas, na ideia de que o tempo segue sempre em uma única direção, e que essa direção leva no final a um estado melhor [...] de progresso, da abundância, da civilização realizada, das Luzes, do desenvolvimento, da realização da História, do paraíso reencontrado, do Reino, do futuro prometido (Danowski, p.69).

Para agir, o indivíduo precisa superar a natureza sufocante da história, recuperando os poderes do animal pré-histórico de esquecer – para desenvolver uma “memória do futuro” (Szerszynski, p.89, *apud* Nietzsche, 2006).



Um corpo que olha para dentro, na penumbra, sem interferências externas descobre o pensamento, a memória e suas múltiplas camadas. Nesse âmbito, formam-se os princípios éticos por meio dos quais discernimos o que é justo ou inquietante. Nas disciplinas de planejamento urbano, regional e ambiental, devem justificar as decisões de projeto critérios e diretrizes que promovam a vida multiespécie, conservação de ecossistemas, reciclagem de lixo, reutilização adaptativa de edificações, respeito às singularidades, preservação do patrimônio material e imaterial.

Futuro

De acordo com a escala do tempo geológico, encontramos-nos na época do Holoceno do período Quaternário da Era cenozoica, posterior ao Pleistoceno. Tratando-se de centenas de milhões de anos, o grau de abstração necessário para entender a história natural permite a elaboração de hipóteses cientificamente comprovadas como a teoria da Pangeia, segundo a qual havia um único continente que, posteriormente, dividiu-se nos cinco atuais. Permite ainda o entendimento das dinâmicas de choque e erupção das falhas sísmicas, erosão e sedimentação do solo. Processos combinados que moldam a diversidade de configurações topográficas existentes que formam as paisagens naturais: planícies, planaltos, cordilheiras, cachoeiras etc. Entretanto, o termo Antropoceno foi conceituado por Paul Crutzen e Eugene Stoermer (2020) em uma espécie de manifesto ambientalista que descreve a intensidade das transformações provocadas pela ação humana, estabelecendo o início dessa época no século XVIII, junto à Revolução industrial.

Embora a nomeação de tempos defina uma convenção normativa, a credibilidade das previsões geológicas (Crutzen era meteorologista) fundamenta-se na verossimilhança de dados históricos e estatísticos. Não foi definido se o Antropoceno seria uma época posterior ao Holoceno ou uma subdivisão deste. Epistemologicamente, o pós-Antropoceno só entrará em vigor quando, se nunca, extinguir-se a espécie humana. Haja vista a situação da arquitetura diante das tecnologias contemporâneas, prospecta-se a sua fundação pela transferência de status na metamorfose do ser, ou seja, a partir do momento que não nos definirmos mais como homens.

Em Assim Falou Zarathustra (2012), Nietzsche descreve as transmutações do espírito em direção à liberdade, do camelo para o leão, e deste para a criança. Da atividade

de carregar peso à inocência do jogo, passando pela força da rebeldia. Uma inversão da progressão vital, como em O Estranho Caso de Benjamin Button (Fitzgerald, 2009), conto no qual o protagonista se torna pueril à medida que envelhece. Como nas visões pós-modernistas dos projetos do *Fun Palace* e da Nova Babilônia, em cuja fase da historiografia arquitetônica dominavam os grupos de vanguarda Metabolismo e *Archigram*, em que havia consenso a respeito das projeções. Em *Megaestrutura: Futuros urbanos do passado recente* (2020), Reyner Banham apresenta uma suposta intenção de seus autores de destruir o capitalismo burguês e introduzir uma forma de viver segundo os desejos individuais. Contudo, critica sua falta de pragmatismo:

Sobre a primeira metade da década de sessenta e as megaestruturas características do período, é perceptível – até alarmante – como poucas delas de fato oferecem alguma proposta operacional de como os elementos transitórios deveriam ser assegurados na megaforma, ou precisamente quais dispositivos e serviços são requeridos para as atividades recreativas do *Homo ludens* (p. 90).

Embora a megalomania estrutural refletisse um momento marcado pela explosão demográfica e aceleração da construção civil, o resultado constatado por Rem Koolhaas é de uma quantidade exorbitante de engenharia residual: “Espaço lixo é o que resta após a modernização ter seguido o seu curso, ou, mais precisamente, o que coagula enquanto a modernização está em progresso, seu efeito colateral” (Koolhaas, 2014, p.175).

Antropomorfização

Se o fim de uma fase é o começo de outra, de acordo com o princípio da elasticidade e a figura da criança como símbolo da evolução espiritual, é possível imaginar uma paisagem do pós-Antropoceno vista não por olhos antropocêntricos, mas pela própria Terra, personificada.

Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a terra, resulta que ela está nos deixando órfãos (Krenak, 2020, p.49-50).

Controlar o destino significa, ainda que de modo parcial, tirá-lo das mãos do determinismo histórico-geográfico, do acaso e da arbitrariedade. O ato de planejar prescinde de uma idealização, princípios e objetivos, como na definição das regras de um jogo. Representar o futuro por meio de imagens e valores que se tem vontade de reproduzir: o sentido da vida.

Há aproximadamente 12 mil anos, a transição do Pleistoceno para o Holoceno foi marcada pelo descongelamento de grandes volumes de água responsáveis pela inundação do Estreito de Bering, por onde migraram por terra povos nômades da Ásia para as Américas, dando continuidade ao movimento centrífugo de diáspora humana da África para os quatro cantos do mundo. A sobrevivência do homem tem se dado pela adaptação com o meio e o desenvolvimento de estratégias que permitem o avanço da antropomorfização da paisagem existente, caracterizado pela homogeneização. Dada a dialética imanência/ transcendência, o isolamento por fronteiras deu origem a cosmogonias diversas que se apagam à medida que nos tornamos iguais.



Mesmo que não restem registros históricos, a herança do Antropoceno estará presente na matéria de vestígios arqueológicos, os quais trazem na medida de suas fundações a razão, cognição e capacidade de organização. Mesmo que ocorra um cataclismo e extingam-se as formas de vida concebíveis na Terra, os átomos da superfície carregarão marcas dos seres que passaram, dada a profundidade das camadas geológicas alteradas. Uma visão do futuro em que o efeito das transformações antrópicas tenha se apagado pelo tempo é tão difícil de imaginar quanto a possibilidade de habitar outro planeta. Migração ficcional que, de acordo com postulados newtonianos de atração gravitacional, causaria uma perda de massa que perturbaria o equilíbrio dos corpos celestes, para além da estratosfera. Por fim, não haveria memória que pudesse ler ou ser lida.

Considerações finais

Em resposta ao estímulo provocado pelas “paisagens do pós-Antropoceno”, analisou-se a crise urbana sob a lente de um telescópio, de modo a contribuir com as críticas modernas da globalização, gentrificação, segregação, especulação imobiliária, espraiamento urbano, desigualdade social, desmatamento, degelo das calotas polares etc. Desse ponto de vista, assim como na figura de um fractal, toda complexidade civilizatória pode ser compreendida pela comparação a um organismo unitário. Esse procedimento foi utilizado por movimentos do pós-modernismo, em que cidades e edificações são análogas a um grande metabolismo. Resulta dessa leitura uma representação do Antropoceno pelo viés da história natural.

Em relação às mudanças provocadas pela emissão de gases de efeito estufa na atmosfera e à memória das coisas, ressalta-se a lembrança dos átomos, que se transformam e viram objetos com diferentes concepções de consciência, desde as origens do universo.

Por fim, não existe uma linearidade precisa do sentido vetorial de desenvolvimento, progresso ou ciclos de evolução, a não ser no tempo mecanicista do relógio, sendo que há uma simultaneidade, equivalência e regressividade, por exemplo, nos estágios marcados pela vida lúdica ou a responsabilidade.

Bibliografia

BANHAM, Reyner. *Megastructure: Urban futures of the recent past*. Nova York: The Monacelli Press, 2020.

BRATTON, Benjamin. “Further Trace Effects of the post-Anthropocene”. *Architectural Design. Machine landscapes: Architectures of the post-Anthropocene*, 89(1): 14-21, 2019.

CORBOZ, André. *Le Territoire comme Palimpseste*. In: *Le Territoire comme Palimpseste et autres Essais*. Besançon: Edition de L’Imprimeur, 2001.

CRUTZEN, Paul; STOERMER, Eugene. “O ‘Antropoceno’”. *Anthropocenica: Revista de estudos do Antropoceno e ecocrítica*, 1: 113-116, 2020. Obtido de <https://revistas.uminho.pt/index.php/anthropocenica/article/view/3095>.

DANOWSKI, Deborah. “Transformações Perceptivas e Afetivas na Idade da Terra”. In: *Os Mil Nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra*. Rio de Janeiro: Editora Machado, 2022.

FITZGERALD, F. Scott. *O Estranho Caso de Benjamin Button*. Lisboa: Editorial Presença, 2009.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

IBGE. *Proposta Metodológica para Classificação dos Espaços do Rural, do Urbano e da Natureza no Brasil*. Rio de Janeiro: 2023.

KOOLHAAS, Rem. “Espaço-Lixo”. In: *Três Textos sobre a Cidade*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2014.

KRENAK, Ailton. *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LEFEBVRE, Henri. *A Revolução Urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. “On the Utility and Liability of History for Life”. In: *The Nietzsche reader*. Oxford: Blackwell, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. São Paulo: Martin Claret, 2012.

ODELL, Jenny. “Satellite Landscapes”. *Architectural Design. Machine Landscapes: Architectures of the post-Anthropocene*, 89(1): 32-35, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do Sensível: Estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2009.

REYES, Paulo. “Projetando pela exterioridade do projeto”. *Strategic Design Research Journal*, 5(2): 91-97, 2012.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos teórico e metodológico da geografia*. São Paulo: Hucitec, 1988.

SZERSZYNSKI, Bronislaw. "O Antropoceno e a Memória da Terra". In: Os Mil Nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra. Rio de Janeiro: Editora Machado, 2022.

WAISMAN, Marina. O Interior da História: Historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos. São Paulo: Perspectiva, 2013.

YOUNG, Liam. "Neo-Machine: Architecture without people". *Architectural Design. Machine Landscapes: Architectures of the post-Anthropocene*, 89(1): 6-13, 2019.